

# O Problema da Fé (2)

Dr. Greg L. Bahnsen

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

## Fé versus Prova

Outros oponentes da fé cristã, como uma classe adicional àquelas consideradas em nosso último estudo,<sup>2</sup> protestam a presença de qualquer atitude de fé (ou confiança) num sistema de pensamento de uma pessoa. Eles mantêm, arrogantemente, se não ingenuamente, que não crerão em nada que não tenha sido primeiro plenamente provado para eles. Eles andam por prova, e não por fé!

Eles pensam ter o espírito de René Descartes (1596-1650), o erudito francês e teórico do conhecimento, que se tornou o principal filósofo da “Era da Razão”. Descartes queria que os homens se esforçassem para perceber e seguir um método confiável e apropriado para chegar às suas crenças.<sup>3</sup> De acordo com a forma de pensamento de Descartes, esse método seria aquele de duvidar e criticar tudo que pudesse, aceitando nada como verdadeiro que não fosse claramente reconhecido como tal (coisas que fossem auto-evidentes), ou que não fosse completamente apoiado por outras verdades claras, distintas e fundamentais.

Descartes procurou duvidar de todo pensamento que chegava à sua cabeça (e.g., ele estava realmente comendo uma maçã, ou apenas sonhando?) até que chegasse a algo que fosse indubitável. Para ele, a dúvida sistemática abriria a porta para a certeza final.<sup>4</sup> Todavia, Descartes reconheceu que, no final, não poderia duvidar de tudo. O indubitável se tornaria o ponto final de seu método – e o teórico o ponto de partida de todo outro raciocínio.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em fevereiro/2008.

<sup>2</sup> [http://www.monergismo.com/textos/apologetica/problema-da-fe-parte1\\_bahnsen.pdf](http://www.monergismo.com/textos/apologetica/problema-da-fe-parte1_bahnsen.pdf)

<sup>3</sup> E o que dizer das suas crenças *sobre o método apropriado*, então? Chega-se a *essas* crenças por meio desse método apropriado também? Se sim, elas não possuem nenhuma autoridade ou fundamento independente (não circular)! Se não, então o que tem sido considerado o método apropriado para se chegar às crenças não é fundacional, afinal de contas.

<sup>4</sup> Descartes percebeu que seu método o trazia finalmente à verdade indubitável e fundacional que ele mesmo existia. Mesmo que tudo o mais no que crese fosse uma ilusão, ele pelo menos precisava existir para duvidar em primeiro lugar. Assim, o famoso ditado: “Eu penso, logo existo.” Mas Descartes não foi escrupuloso o suficiente como um filósofo. Ao tomar como sua premissa “eu penso”, ele já tinha assumido a questão de sua existência (afirmando o “eu”). Na verdade, isso não é mais útil do que argumentar: “Eu fodo, logo existo.” Descartes deveria ter mais rigorosamente assumido somente que “o pensamento está ocorrendo” – do que *não* se segue logicamente que “eu existo.”

Os imitadores modernos de Descartes que alegam duvidar de absolutamente tudo e não aceitar nada, exceto mediante prova, agem ou falam como tolos arrogantes. Ninguém pode duvidar de tudo. Ninguém! Se uma pessoa fosse duvidar verdadeiramente de tudo – sua memória de experiências passadas, suas sensações presentes, as “conexões” entre as experiências, o significado de suas palavras, os princípios pelos quais raciocina – ele não estaria “pensando” de forma alguma (muito menos duvidando), e não haveria nenhum “ele” para pensar ou deixar de pensar. Uma série fundamental (baseada logicamente) de crenças – uma fé – é inescapável para qualquer um.

Os homens apenas se iludem quando dizem que não aceitarão algo sem prova ou demonstração – que não permitirão nenhum lugar para “fé” em sua perspectiva ou no viver de suas vidas. Consequentemente, tais incrédulos que criticam os cristãos por apelarem à fé são hipócritas intelectuais – homens que não podem e não vivem de acordo com os seus próprios padrões declarados de raciocínio.

### “Nenhuma Suposição” Não Faz Sentido

A atitude que afirma que não deveria existir nenhum elemento dentro do comprometimento cristão que não tivesse sido provado independentemente, é ilustrada pela declaração de C. Gore: “Parece-me que o curso correto para alguém que não pode aceitar a mera voz da autoridade, mas sente a obrigação imperativa de ‘encarar os argumentos’ e pensar livremente, é começar no princípio e ver quão longo pode reconstruir suas crenças religiosas, estágio por estágio, sobre um fundamento seguro, o quanto possível sem qualquer suposição preliminar...”<sup>5</sup> Aqui somos instados a examinar a hipótese religiosa desde o princípio, sem suposições preliminares – sem pressuposições.

Sem dúvida, isso é literalmente impossível. Uma demonstração completa de cada uma de nossas crenças por meio de outras crenças independentes não pode ser dada. Quando eu demonstro a verdade que o gelo derrete em temperatura ambiente, estou me servindo de certos padrões e procedimentos de demonstração. Mas pode-se perguntar se eu escolhi o critério correto a ser usado para demonstrar minha conclusão. Além do mais, posso estar seguro que usei corretamente os procedimentos e padrões escolhidos? Para prosseguir “sem suposições”, eu precisaria demonstrar que meus métodos de demonstração são os corretos e que minha execução desses métodos foi perfeita. *Mas* isso exigiria argumentação *adicional* ou prova *sobre a prova* usada para a veracidade e validade da minha demonstração original. E continuaríamos assim sem parar.

---

<sup>5</sup> C. Gore, *Belief in God* (New York: Penguin, 1939), p. 12.

Se nenhum ponto de partida pode ser assumido para uma demonstração, então nenhuma demonstração pode ser iniciada – ou terminada, dependendo de como você a veja.

Se um incrédulo considera o Cristianismo como sendo irracional simplesmente sobre a base que ele permite algo ser aceito sem demonstração independente, então o incrédulo em questão é irrealista e deve ser pressionando a ver que ele termina refutando a *si mesmo* (não simplesmente os cristãos) nos termos de tais valores e demandas. Assim, *sua* atitude incrédula torna-se a atitude verdadeiramente *irracional*, pois inconsistentemente requer algo de seus oponentes que ela mesma não consegue cumprir. Tal atitude faria o conhecimento ser totalmente impossível para as criaturas finitas e falhas – e assim, mostra-se sendo supremamente irracional.

### O Tipo de Evidência sobre a qual a Fé Descansa

O problema com a fé cristã, então, não pode ser que ela envolve comprometimentos pressupicionais. Assim, consideraremos uma última categoria de incrédulos que criticam a “fé” cristã como irracional. Esses críticos reconhecem que os crentes têm evidências e argumentos que eles usam para apoiar suas crenças, e admitem que ninguém – nem mesmo os céticos religiosos – podem agir intelectualmente sem suposições, nem provar *tudo* o que crêem por considerações independentes. Contudo, com o que eles não concordam é o *tipo* de evidência às quais os cristãos apelam e o *tipo* de pressuposições em termos das quais argumentam. Resumindo: eles não concordam com a idéia de crer em algo *sobre a base da autoridade pessoal de Deus*, ao invés da base de normas impessoais e universalmente aceitas de observação, lógica, utilidade, etc.

Os cristãos podem ter evidência, então, para sua fé, mas é o tipo completamente errado de evidência, diz o incrédulo. Por exemplo, em seu livro candidamente intitulado *Religion without Revelation* [Religião sem Revelação], Julian Huxley diz: “Creio firmemente que o método científico, embora vagaroso e nunca alegando chegar à verdade completa, é o único método que em longo prazo dará fundamentos satisfatórios para as crenças”, e “com toda certeza não *sabemos* nada além deste mundo e experiência natural”.<sup>6</sup> Para Huxley, a fé cristã não deveria ser fundamentada na autoridade revelada (visto que todo conhecimento metafísico é eliminado por decreto), mas na autoridade da ciência natural.

O que Huxley demonstra abertamente aqui é seu próprio comprometimento de fé com seu preconceito contra o Cristianismo. Tendo dito por um lado que o método científico não pode fornecer a verdade *completa*, ele dá a volta e, baseado na autoridade do suposto método científico,

<sup>6</sup> Julian Huxley, *Religion without Revelation* (New York: Mentor, 1957), pp. 15, 17.

exclui *completamente* o conhecimento além do mundo natural! Por que Huxley elimina o *tipo* de evidência oferecida pelos cristãos para a sua fé (revelação de Deus)? Por causa de sua *própria* fé e devoção à ciência natural.

Em *God and Philosophy* [Deus e Filosofia], Antony Flew, da mesma forma, expressa o criticismo do incrédulo quanto à fé cristã por esta descansar sobre a autoridade: “Um apelo à autoridade aqui não pode ser permitido como sendo final e anulatório. Pois o que está em questão é precisamente o status e a autoridade de todas as autoridades religiosas... É inerentemente impossível que a fé ou a autoridade sirvam elas mesmas como a credencial última da revelação.”<sup>7</sup> O ensino da Escritura não pode ser aceito sobre a autoridade de Deus falando por meio dela, diz Flew, pois é precisamente essa autoridade que está sob questão pelo incrédulo.

Isso só pode significar, então, que Flew determinou de antemão que Deus não pode ser a autoridade *última*. Para ele, deve sempre existir algo independente de Deus que seja mais autoritativo e em termos do qual a autoridade de Deus possa ser aceita. Nem pode a autoridade de Deus ser inescapável e *auto-validante*, de acordo com Flew: “o filósofo examinando um conceito não está ele próprio empregando-o ao mesmo tempo; não importa quanto ele em outros momentos deseje e precise fazer isso.”<sup>8</sup>

Flew realmente imagina que ele mesmo, como um filósofo, estrita e puramente adere a esse pré-requisito geral – que não podemos examinar algo enquanto simultaneamente empregamos esse algo? Isso não é tão simples assim, e Flew deveria saber. Aqueles que *examinam* e argumentam sobre lógica, *empregam* simultaneamente a mesma lógica em suas examinações. Aqueles que *examinam* e avaliam o poder e a confiabilidade do globo ocular, *empregam* simultaneamente seu próprio globo ocular. Rejeitar e automaticamente eliminar a possibilidade de que os cristãos possam examinar e argumentar sobre a autoridade da revelação de Deus, enquanto empregam simultaneamente (assumindo, aplicando) a autoridade da revelação de Deus é pouco mais que preconceito arbitrário da parte de Flew.

Flew simplesmente não permitirá o pensamento que a autoridade de Deus é *auto-validante*. O que é incrível na recusa dele e de outros incrédulos em se submeter em fé à autoridade de Deus *sobre a base dessa própria autoridade*, é que ele revela através disso que está comprometido *de antemão* contra o ensino cristão. Isto é, isso revela um comprometimento de fé óbvio e pessoal à proposição de que não pode existir um Deus que fala com voz de autoridade inescapável, última e auto-validante sobre o homem e o seu pensamento.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Antony Flew, *God and Philosophy* (New York: Harcourt, Brace and World, 1966), pp. 159, 161.

<sup>8</sup> *Ibid*, p. 26.

<sup>9</sup> Parte do caráter auto-validante (auto-autenticador) dessa revelação autoritativa é que sem ela, o raciocínio, a ciência e a ética tornam-se ininteligíveis, filosoficamente falando. A autoridade de Deus é necessária para a autoridade e utilidade intelectual (subordinada) daqueles próprios princípios que os incrédulos porpem usar ao testar a revelação de Deus. Ninguém pode utilizar o raciocínio sem

Deus não pode ter esse tipo de autoridade final para Flew, mas somente uma autoridade que seja primeiro *autorizada* pelo argumento do homem. Em longo prazo, Flew e outros incrédulos insistem que o homem não deve ser reduzido a se prostrar em dependência abjeta ao seu Criador como a autoridade final. Pode haver *outras* autoridades auto-validantes reconhecidas ou aceitas como uma possibilidade, mas *não Deus*. Eles tolerarão o seu Criador em seu pensamento somente nos termos ditados pela *criatura* – de forma especial, que ele nunca confronte os homens com a inescapabilidade racional e a autoridade última de *Criador* deles!

Como Van Til observa: “O homem natural então assume que ele tem o critério final de verdade *dentro dele mesmo*. Toda forma de autoridade que venha a ele deve ser justificada pelos padrões inerentes no homem e operativa *à parte da* autoridade que fala.”<sup>10</sup> Em outro lugar ele observou que “se devemos determinar os fundamentos da autoridade, muito menos aceitaremos a autoridade sobre a autoridade.”<sup>11</sup> Isso é simplesmente dizer que o incrédulo não permite que Deus seja e fale *como Deus* – seja a autoridade última e auto-autenticadora. Tal posição e privilégio será atribuída a outra coisa pelo incrédulo, algo que seja parte da criação (tal como o raciocínio ou experiência do homem),<sup>12</sup> e assim, será implicitamente tratada como um ídolo. “Eles adoram e servem a criatura, ao invés do Criador” (Romanos 1:25).

O ponto principal então, é que criticar a “fé” irracional do cristão é em si mesmo nada mais que expressar uma fé religiosa diferente – uma fé que de uma forma ou de outra adota a autoridade última e a auto-suficiência da mente e raciocínio humano. *Isso* é deveras “fé” irracional, dada a triste experiência e história da humanidade – bem como as tensões racionais não resolvidas dentro da ciência e filosofia autônoma.

Fonte: <http://www.cmfnow.com/><sup>13</sup>

---

simultaneamente, mesmo que implicitamente e sem perceber, empregar a perspectiva da revelação de Deus. Assim, as alegações cristãs sobre o caráter auto-validante da revelação de Deus não são mero testemunho subjetivo, ou algo além de discussão ou demonstração racional.

<sup>10</sup> Cornelius Van Til, *The Defense of the Faith* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1955), pp. 145.

<sup>11</sup> *Ibid*, p. 49.

<sup>12</sup> Note bem que “razão” é aqui criticado como uma autoridade ou padrão (que se mantém acima de Deus no julgamento), mas *não* como uma ferramenta ou instrumento (que é usada sob Deus, para a Sua glória), de forma alguma. Sem dúvida o incrédulo deve usar sua habilidade de raciocínio para ouvir, ponderar e (esperançosamente) adotar as alegações da palavra de Deus. Isso não significa que a norma controladora pela qual ele usa seu raciocínio deve ser a própria razão. (Em tais discussões, seria bom perguntar exatamente o que se quer dizer por “razão.”)

<sup>13</sup> Originalmente publicado na *The Biblical Worldview* (Part II-Vol. VIII:6; June, 1992). Disponível no livro *Always Ready*, de Greg Bahnsen. (N. do T.)